



## **O TRIO DE ERRE'S E FELIPÃO DIVULGADOS PELA FOLHA DE S.PAULO**

**José Jairo Vieira<sup>1</sup>**

**Ronaldo Martins de Assis<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Viçosa

Em sua relação com o esporte, a mídia disponibiliza ao indivíduo um conhecimento sobre o esporte que possibilitará o seu enriquecimento tanto para apreciar, quanto para entender o mundo esportivo (BETTI, 1999).

Porém, as diversas mídias são grandes empresas, tendo então seus princípios, objetivos e expectativas. Pires (2002) afirma que a indústria da informação visa neutralizar a subjetividade forjada pela experiência cultural individual e coletivamente organizada, na expectativa de tornar objetiva, homogênea e única a interpretação da mensagem transmitida.

Com esta força que a mídia possui, devemos então conhecer como ela oferece a informação. Discurso midiático é a expressão em forma de imagem, som e símbolos, característicos da linguagem dos meios de comunicação de massa (PIRES, 2002). Sua característica atual é a íntima associação entre os aspectos da informação, do entretenimento e da publicidade, parecendo-as semelhantes (PIRES, 2002).

A situação atual no planeta é de intenso intercâmbio, pois estamos em um mundo globalizado. Essa troca não acontece somente com produtos. As diversas manifestações culturais são extremamente difundidas pela mídia. Através da economia e cultura globalizadas, os bens culturais são transformados em mercadoria, sendo a mídia a responsável pelo oferecimento aos consumidores (PIRES, 2002).

---

<sup>1</sup> Professor Doutor do Deptº de Educação Física

<sup>2</sup> Graduando de Educação Física – Bolsista PIBIC/CNPq



A televisão é um dos principais meios de comunicação. De acordo com Betti (1999), a TV, com sua linguagem audiovisual, possui um poder de espetacularizar o esporte. O sensacionalismo e o espetáculo são buscados pela televisão, que ‘dramatiza’, colocando uma cena e exagerando seus aspectos de importância e gravidade (BOURDIEU, 1997).

Em relação aos outros meios de comunicação, com a crescente atuação desses e sua grande utilização do audiovisual, o jornal mantém-se atuante e importante como no passado, mesmo que a sociedade tenha criado novos meios de percepção do mundo (BAHIA, 1990). O jornal, mesmo não possuindo som e nem imagem animada também pode fazer com que as modalidades esportivas se tornem um espetáculo, tanto por sua nova abordagem, tornando-se menos formal, e por suas fotos, alcançando imagens muito próximas ao ambiente de jogo. A leitura dos jornais acontece principalmente durante os tempos mortos, nos transportes, nas salas de espera, como uma distração consciente (STOETZEL, apud AMARAL, 1982), mostrando, assim a importância do acesso ao jornal.

O jornal possui uma característica importante na sua estrutura. Ele é dividido em cadernos, suplementos ou encartes, contendo índices das notícias, influem tanto em facilitar o manuseio quanto na produção, veiculação e distribuição. As fotografias também possuem sua importância como parte evolutiva, como a forma e conteúdo dos jornais. A cobertura especializada, um determinado assunto, pode ser de duas formas: a primária, formada pelas seções ou encartes de jornais; e a autônoma, de veiculação e periodicidade própria. Um exemplo disso é o jornalismo esportivo, que se tornou a maior expressão de informação especializada. É o que mais tem espaço e tempo na mídia (BAHIA, 1990).

Essa segmentação dos jornais também ocorre nas outras mídias, sendo o esporte um dos mais importantes. Muitos eventos esportivos são divulgados e transmitidos, como Olimpíadas e a Copa do Mundo de Futebol.

Segundo Bourdieu (1997), os Jogos Olímpicos possuem dois referenciais. O ‘real’, é o espetáculo esportivo, formado pelo duelo entre os atletas, o nacionalismo e as cerimônias contidas no evento. O referencial oculto está relacionado ao espetáculo que é filmado e divulgado pelas mídias. Sendo assim, cada indivíduo possui a ilusão de ver os Jogos à sua maneira. Portanto, o espetáculo é produzido de duas maneiras: pelos protagonistas, que são os atletas, árbitros, treinadores, organizadores, etc., e pelos responsáveis por sua reprodução em



imagens e discursos, a mídia. Helal (2001) afirma que o público é essencial para legitimar os espetáculos, sendo componentes importantes.

Isso não ocorre somente nesses Jogos, mas em qualquer evento esportivo que é transmitido/divulgado pelas mídias.

A mídia, como qualquer empresa, possui seus interesses. A mídia enfatiza mais um determinado atleta ou uma determinada modalidade conforme os seus interesses em satisfazer o orgulho nacional (BOURDIEU, 1997). Criando-se assim os ídolos, que se tornam personagens importantes para sustentar a mídia. Conforme Helal (2001) as ‘estrelas’ são importantes para o público se identificar com um determinado evento.

A mídia participa da construção de ídolos, privilegiando as mudanças sociais que afetam os jogadores, mostrando sua trajetória, origem humilde, pobre e a atual situação sócioeconômica melhorada (PIRES, 2002). A publicidade obtém sucesso com a exploração da vida privada, querendo se passar realista, dando intimidade aos consumidores/telespectadores com seus ídolos e fazendo com que sejam identificados pelas pessoas (PIRES, 2002). A mídia esportiva lida com a individualidade, promovendo a figura do ídolo do momento: aquele que não mais conseguir comover o consumidor precisa ser substituído rapidamente (PIRES, 2002).

Percebe-se então que o ídolo precisa da mídia para ser conhecido, tornando-se um boneco manipulado por ela.

Pela procura de trabalhos que tratam da atuação das diversas mídias no campo do esporte, sendo a mídia um dos principais, se não o principal, parceiros do esporte, especificamente o futebol, observou-se a pequena quantidade de trabalhos abordando esse assunto, motivando ainda mais realização deste trabalho. Portanto, este trabalho tem como objetivo, analisar a construção simbólica do futebol e do jogador feita por um jornal do estado de São Paulo, referente a copa do mundo de 2002, realizada na Coréia do Sul e no Japão. Para isto, foi utilizado como material, o suplemento de esporte do jornal Folha de São Paulo, dos dias 28 de maio a 9 de julho (43 jornais). Portanto, em um período anterior (preparação e expectativa), durante (confrontos aspectos extra jogos) e depois da Copa do Mundo (chegada, homenagens e comemorações).



Na contagem regressiva para a Copa do Mundo mais inusitada da história, o jornal Folha de S. Paulo criou um novo caderno para esse assunto: o Copa 2002. Dentro desse, havia também o suplemento de esportes convencional, a Folha Esporte, que continuava noticiando os acontecimentos esportivos em geral. Esse caderno especial teve uma regularidade de 12 a 16 páginas, sendo que a edição do pentacampeonato (um dia após o jogo final) consistia de 32 páginas. A partir do dia 4 de julho, o Copa 2002 sai de cena e o jornal Folha de S. Paulo vai mudando o seu enfoque, as eleições 2002.

## IDOLATRIA PELA FOLHA DE S. PAULO

### O TRIO DE ERRE'S

A publicação de notícias, comentários, fotografias, charges, exerce uma influência na mente das pessoas. A construção de ídolos faz parte do papel da imprensa, que aproveita para o proveito próprio e depois pode até destruí-lo se desejar (AMARAL, 1982).

As dificuldades e a necessidade de sucesso, fazem com que o brasileiro se sinta semelhante ao jogador de futebol. São representativas das situações que as pessoas passam no seu cotidiano (VIEIRA, 2001).

Desde o início, a Folha de S. Paulo explora a idolatria em uma letra, ou melhor, em uma letra para três: R (erre<sup>3</sup>), de Ronaldo, de Rivaldo e de Ronaldinho<sup>4</sup>. O jornal cria toda a sua expectativa em cima desse trio, que é composto por jogadores que já foram considerados os melhores do mundo e por uma revelação, considerada a maior dos últimos anos.

Há um dia do início da Copa, o título de uma reportagem já prevê o que aconteceria durante este mês de bola rolando na Ásia: “trio de ‘erres’ encanta no treino” (30/05/2002, p. 4). Esse foi o primeiro treino e serviu como aperitivo para excitar os torcedores e esse trio seria o grande trunfo para a conquista do penta. Esse foi o teor da matéria. Rivaldo, em entrevista, mostra-se humilde, mas sem esquecer o marketing dos ‘erres’: “Pouco a pouco estamos nos entrosando nos treinos e vamos os três fazer um grande Mundial lá na frente [no ataque]”.

---

<sup>3</sup> Como a Folha de S. Paulo se refere a letra ‘R’.

<sup>4</sup> A Folha de S. Paulo se refere a Ronaldo Nazário de Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho de Ronaldinho.

Nesse início percebe-se também a tentativa de criar outro ídolo, o Juninho, que conseguira conquistar a última vaga no meio campo. O jornal mostra Juninho de uma forma muito simpática, como um bom moço, lembrando da contusão que o tirou da última Copa. O seu novo apelido, uma analogia de sua fisionomia com um personagem de filmes de terror, vira motivo de brincadeira: “‘Chucky’ renasce e fica com a última vaga para a estréia” (30/05/2002, p. 4).

Um dia depois, Juninho foi citado como um dos responsáveis pelo bom desempenho do trio de ‘erres’. Novamente se percebe que o cunho das matérias está em volta desse trio e Juninho não é mais comentado com empolgação.

Antes da estréia, mesmo com a empolgação refletida pelos treinos da seleção, o jornal lembra da situação de um dos ‘erres’, sendo uma preocupação para o sucesso do trio e por consequência, do Brasil: “No trio de ‘erres’ - Ronaldinho, Rivaldo e Ronaldo – apontado como a grande esperança do Brasil na Copa do Mundo, o atacante da Internazionale de Milão é o que está em pior condição” (01/06/2002, p. 8).

Após o jogo contra a Turquia, apesar da vitória, o Brasil jogou mal, fruto da falta de entrosamento do trio de ‘erres’ (relatado na página 4 do dia 4 de junho de 2002). Mas na página 6 é estampado como título: “Cobrados e rodados, Ronaldo e Rivaldo decidem na estréia”. (04/06/2002, p. 6). E no desenrolar da matéria, percebe-se que Ronaldinho já começa a ficar deslocado, do jornal, pois sua atuação teria sido ‘apática’. Nesse enfoque, ainda no dia 8 de junho, Ronaldo e Rivaldo são chamados de astros e prometem fazer da China um ‘*sparring*’, deslançando no Mundial. Após o jogo contra a China, o trio realmente deslançou, só que quem roubou a cena foi outro ‘erre’, esquecido por todos, o lateral Roberto Carlos. Que além de ter feito um dos gols, foi eleito o melhor da partida. Isso mostra a intenção da mídia em escolher quem será ídolo. Roberto Carlos está na Seleção há muitos anos, mesmo antes de Ronaldinho. Mesmo assim, o trio não se torna quarteto.

Mas no final da Copa, o jornal noticia que o trio de ‘erres’ mais Roberto Carlos estão entre os melhores da Copa: “O famoso quarteto de ‘erres’ do Brasil, Rivaldo, Roberto Carlos, Ronaldinho e Ronaldo, está na disputa pela honraria da Fifa, a entidade que rege o futebol” (28/06/2002, p. 5).

A Folha fala em quarteto naturalmente, como se tivesse feito isso durante toda a copa, algo que não aconteceu. Outra citação, também antes do jogo final: “Os ‘erres’ são as



esperanças do técnico para decidir o confronto. Nesta Copa, eles têm definido as partidas para o Brasil. Os quatro fizeram 14 dos 16 gols marcados pela seleção até agora” (29/06/2002, p. 4).

“Mão dupla. Unidos, os maiores artilheiros” (17/06/2002, p. 3). Esse título é de uma reportagem que diz que a dupla de ‘erres’ é o maior dueto brasileiro de goleadores em Copas do Mundo, comparando-os a Bebeto/Romário, Vavá/Pelé e Jairzinho/ Pelé. Mas uma vez, o jornal enaltece Ronaldo e Rivaldo e chega a usar esse termo, tirando de cena o Ronaldinho. Na página seguinte, há um complemento sobre esse assunto. Ronaldinho diz que não pretende concorrer com os rivais: “Eu prefiro dar o passe para o gol do que fazer o gol. É tão importante quanto” (17/06/2002, p. 4).

Esse fato nos dá a impressão de que a Folha quer abandonar o trio e enfatizar mais a dupla de ‘erres’. Ronaldinho já começa a aceitar o fato.

Essa perspectiva de início de abandono por parte da Folha em relação ao Ronaldinho ganhou mais força logo após a vitória sobre a Bélgica:

“De maiores dúvidas para a Copa, Ronaldo e Rivaldo tornaram-se a única certeza da seleção. (...) Ao chegar à Ásia, o time apostava o futuro no seu trio ofensivo de ‘erres’. Ronaldinho, o terceiro, apesar da boa atuação, reforçou sua condição de coadjuvante e foi substituído por Kleberson” (18/06/2002, p. 1); “Último ‘erre’ a se destacar, Ronaldinho tem brilho fugaz. (...) O mais apagado dos ‘erres’ brasileiros até então renasceu e sucumbiu em apenas 13 minutos” (22/06/2002, p.4).

Percebe-se que ela está se concentrando na dupla mais velha, pois ela poderia enaltecer Ronaldinho sem dar importância à sua expulsão. Mas mesmo assim ela continua a citar o trio: “O trio de ‘erres’, a principal aposta do técnico para a final da Copa do Mundo, foi decisivo em todas as partidas da Copa” (30/06/2002, p.4).

Com o título de pentacampeão, é nítida a consagração feita a Ronaldo e Rivaldo como os melhores, os quebradores de recordes, mas não se esquece dos outros ‘erres’: “Um quarteto de estrelas garantiu 16 dos 18 gols marcados pela seleção brasileira nesta Copa do Mundo” (01/07/2002, p. 12).

Porém, não poderia deixar de enfatizar a grande marca desta seleção: “Três dos quatro – Rivaldo, Ronaldinho e Ronaldo – foram responsáveis por todos os gols marcados pela seleção de Scolari no mata-matas” (01/07/2002, p. 12).



## O CASO RIVALDO

Como foi visto, a Folha de S. Paulo escolheu dois jogadores como os principais responsáveis pelo título: Rivaldo e Ronaldo. Assim, em sua tentativa de formar, ou concretizar de vez, seu caráter de ídolos.

Rivaldo nunca foi unanimidade na Seleção. Suas maravilhosas atuações, tanto no Palmeiras, quanto no Barcelona, nunca foram vistos com regularidade na Seleção. Sua condição física também foi muito questionada por causa de uma grave contusão. Antes do início da Copa, a Folha levantou esse assunto:

“Com a condição física sob suspeita e ainda sem mostrar o estilo de jogo que o consagrou, o camisa 10 de Scolari vem alternando momentos de lucidez e de apatia em campo, o suficiente para que sua condição de titular seja questionada” (29/05/2002, p. 7); “Rivaldo, astro do Barcelona, só se recuperou de uma grave contusão no joelho direito na semana passada. ‘Foram tempos difíceis para mim’, disse” (02/06/2002, p.1).

Porém, Rivaldo tratou logo de resolver essa situação. Já mostra como a Seleção vai se comportar até a final: “É claro que a experiência vale muito. Apesar de todos terem tarimba em seus clubes, muitos aqui estão jogando a Copa pela primeira vez. Então, nesse momento, eu e o Ronaldo decidimos o jogo” (04/06/2002, p. 6).

A caracterização de idolatria começa a se acentuar mais ainda, quando a Folha rotula Rivaldo e Ronaldo de astros (08/06/2002, p. 1)

Como já foi mencionado, a partir das oitavas-de-final, a dupla sobrepõe o trio de ‘erres’, portanto, mais espaço para Rivaldo apagar o passado e se tornar um grande ídolo. Na matéria intitulada: “Rivaldo – 2002 busca marca de Jairzinho – 70” (22/06/2002, p. 3). Um dia depois da vitória sobre a Inglaterra, a Folha enumera as façanhas do pernambucano: quinto gol no Mundial, três vezes o melhor em campo pela FIFA, único a marcar um gol em cada partida (um recorde que pode levá-lo a se igualar a Jairzinho, 7 gols em 6 jogos) e artilheiro da Copa. O jornal chega ao ponto de chamá-lo de perfeito, digno de um super-herói: “Rivaldo é o único ‘erre’ que não falhou nesta Copa” (22/06/2002, p. 3).

Isso encerra toda a dúvida gerada em relação à sua capacidade e condição física.



Na edição do dia 25 de junho, o suplemento especial traz uma entrevista com Rivaldo. A introdução da conversa carimba de vez o atestado de craque dado pela Folha de S. Paulo:

“Rivaldo, 30, é estrela do Brasil na Copa. De Alvo favorito dos críticos à craque sedimentado no time, a transformação foi abrupta, impressionante, traduzida em 5 gols em 5 jogos. (...) ele conta como se sente com a ‘nova roupa’, que tomou emprestada de Ronaldo após o jogo com a Inglaterra (...)” (25/06/2002, p. 1).

Depois de ter sido escolhido o melhor (em pesquisa junto aos torcedores, pelo Datafolha), junto com Ronaldo, e ganhar uma estátua em Recife, Rivaldo deverá entrar para a galeria dos ídolos da história do futebol brasileiro.

### O CASO RIVALDO

Nesse ares de futebol globalizado, Ronaldo se tornou um marco, sendo como mercadoria ou por sua imagem para todo o mundo, acarretando assim, o registro massificado de seu nome em crianças, durante a copa do mundo de 1998, em países sem expressão no futebol, como a Albânia (CARRANO, 2000). É o típico modelo de ídolo que o Brasil costuma criar com frequência. Criança pobre, ganhou o estrelato muito jovem (foi campeão do mundo em 1994 com 17 anos), ganhou muito dinheiro, andou de Ferrari na ‘Rodovia da Morte’ (Rodovia Presidente Dutra, que liga os estados de São Paulo e Rio de Janeiro) e ainda faz caridades.

Mas um acontecimento poderia mudar toda essa armadura de imortal que ele possuía, a tal crise nervosa que o abalou no dia da final da Copa da França em 1998, ou conhecida como a ‘amarelada’. Depois desse acontecimento, Ronaldo ainda sofreu com duas cirurgias no joelho, o que aumentou a dúvida em relação à sua volta, mas mesmo assim, seu nome continuava com força no futebol, possuindo o poder da auto-convocação.

Essa vida dramática é bem análoga a de heróis, pela sua luta eterna, tendo que a cada dia superar obstáculos (HELAL, 2001). Pelo menos, agora na Copa de 2002, ele divide as atenções com Rivaldo e Ronaldinho. Algo que não ocorreu em 1998, onde foi o grande astro solitário. Como foi colocado por Helal (2001), a derrota na França e sua crise, fizeram com



que Ronaldo se tornasse mais humano, mais real. Isso, talvez, tenha lhe dado mais força para tentar ser o ‘fenômeno’ nesta Copa.

Antes da Copa, a Folha de S. Paulo já acreditava no grande Ronaldo, chamando-o de fenômeno e comparando-o à Pelé. Durante a Copa, grande parte do que permeou o seu nome já foi comentado, pois Ronaldo e Rivaldo andaram de mãos dadas pelas páginas desse periódico.

Um aspecto sobre o bom moço Ronaldo, comentado várias vezes pela Folha, era o seu ataque de estrelismo. Recusou-se várias vezes de dar entrevistas, o único, quando as entrevistas eram liberadas para todos (01/06/2002, p.8), sendo chamado de “o diferente” (31/05/2002, p. 7; e 02/06/2002, p. 5). O jornal brinca com a situação vivida por Ronaldo: “Para seu ego, acostumado aos holofotes, não deve ser nada fácil” (01/06/2002. P. 8); “(...) pediu para a assessoria da CBF avisasse: falará dia sim, dia não” (07/06/2002, p. 5).

Outro incidente foi a acusação, feita por um jornalista gaúcho, de que Ronaldo teria tomado sua máquina fotográfica em uma boate (14/06/2002, p. 7). Em uma enquete feita com os jogadores sobre a sucessão presidencial, Ronaldo não quis opinar: “Ele alega que é para não ter sua imagem explorada pelos políticos” (26/06/2002, p. 3).

A Folha, então, quis passar que Ronaldo tem seus momentos ‘hollywoodianos’ e que não se porta como a maioria dos jogadores, ou até priva-se para falar algo que possa soar errado.

Mas como já foi falado, Ronaldo é um ídolo e a Folha continua com o seu papel. Antes da estréia do Brasil, Ronaldo já se mostrava confiante e preocupado em ser novamente o fenômeno:

“O atacante Ronaldo aposta no sucesso nesta Copa do Mundo para reconquistar o prestígio abalado a partir de 1999, quando foi submetido à sua primeira cirurgia no joelho direito” (01/06/2002, p. 8); “No gramado, o jogador, jovem milionário de 25 anos, não demonstra alegria, porém muito empenho em correr contra o tempo” (01/06/2002, p. 8).

A Folha, então, mostra que Ronaldo não está sozinho nesta luta pela volta do ‘fenômeno’, pois no dia 02 de junho, há uma foto de Ronaldo, na capa do caderno de esportes, parecendo que ele está renascendo. O título é o seguinte: “O dia de renascer” (02/06/2002, p.



1), já prevendo que a sua volta de verdade é para valer, para voltar a ser o jogador que foi, de volta à vida. Os elogios parecem só estar começando: “(...) dupla de ataque ,ais famosa da competição – Ronaldo e Rivaldo” (05/06/2002, p. 1).

Logo depois, toda a incerteza parece ter acabado: “A nuvem de preocupação que o acompanhou semana passada, suscitando desconfianças até do próprio treinador, dissipou-se” (07/06/2002, p. 5).

Porém, os seus problemas e sua vida eram sempre lembrados, como se fossem alimentos para a sua glória, triunfo de um ídolo:

“Depois de ter sofrido uma crise nervosa na final da Copa da França, em 1998, Ronaldo enfrentou um calvário de contusões e cirurgias, que chegou a ameaçar a sua convocação para o Mundial da Coréia e do Japão. (...), então, confirmado pelo técnico Luiz Felipe Scolari na Copa – 2002. Para agradecer, Ronaldo foi ao santuário de Aparecida (SP)” (10/06/2002, p. 4); “Dentuço, careca – para esconder o cabelo sarará – e tímido. Nascido e criado no subúrbio do Rio. Ronaldo Nazário de Lima, 25, em nada lembra o estereótipo do super-homem que na história faz o mundo girar ao contrário para salvar o planeta e a amada. (...) Quer recuperar o status de melhor jogador do mundo, perdido após a Copa – 98, e afastar o estigma de ‘amarelão’ e derrotado. Quer mais, prometeu ser o artilheiro (...)” (20/06/2002, p. 1). Esse texto veio com o título de “O herói quer voltar à história” (20/06/2002, p. 1).

Algo inusitado havia de acontecer. Em um Mundial onde os cortes de cabelo chamavam a atenção, Ronaldo também quis fazer parte da brincadeira: “É um corte normal. Não tem promessa, não tem homenagem, não tem nada’, disse Ronaldo, recusando-se a dar detalhes sobre os motivos de seu novo visual” (25/06/2002, p. 6).

Isso deixa margem à várias interpretações. Será que é para desviar as atenções de sua contusão que poderá tirá-lo do próximo jogo? Ou será somente marketing? Se for, será que foi idéia própria? Ou será que foi idéia da Nike? Bem, não importa a resposta, isso é mesmo atitude de uma celebridade.

Realmente, Ronaldo parece ter algo sobrenatural para tamanha exaltação, como foi o caso do seu gol contra a Turquia, pela semi-final: “Fenômeno. Brasil vence com gol genial de bico (...)” (27/06/2002, p. 1). Essa manchete foi capa do caderno de esportes, onde um simples chute de bico, característico de uma pessoa sem habilidade, tornou-se algo tremendo, pelos pés de Ronaldo. Isso também é visível em um ‘novo’ lance de finalização de



Ronaldo: “O medo de cabecear de Ronaldo é tanto que nesta Copa ele criou um novo tipo de jogada, o ‘peixinho caratê’ - conclusão de cruzamentos a meia altura com os pés, como num golpe de arte marcial” (20/06/2002, p. 4).

O seu gesto ao comemorar um gol também foi polemizado pelo jornal. O antigo gesto ‘aviãozinho’ foi trocado, durante a Copa, pelo dedo indicador levantado. A Folha logo lembrou da patrocinadora oficial da seleção, uma cervejaria, que patrocinou jogadores na Copa de 1994 e tinha como marca o indicador levantado.

A grande expectativa sobre o comportamento de Ronaldo na final foi colocada no seguintes títulos de notícias: “ A Copa é dele” (29/06/2002, p. 1); “ O dia de Ronaldo. (...) A crise nervosa antes da final de 1998 deu lugar a um ‘frio na barriga’ antes da estréia contra a Turquia, como confidenciou a um amigo” (30/06/2002, p. 3); “ O Dia R” (01/07/2002, p. 3); e “(...) brilha no final” (01/07/2002, p. 4). Esses fazem com que Ronaldo feche com chave de ouro e que nos faz sentir que a sua imagem não mais está arranhada e sua idolatria tende a aumentar cada vez mais.

Seus problemas em 1998 foram superados por sua glória em 2002 e se tornaram aspectos de uma mitificação com o público (HELAL, 2002).

*‘A Grande Família’*

Nesses últimos anos, o comando da seleção foi encabeçado por vários nomes. Logo após a Copa de 1998, França, com a saída de Zagallo, o primeiro a assumir o barco rumo ao penta foi Vanderlei Luxemburgo, unânime entre a crítica e os torcedores. Porém, seus problemas particulares somados a derrota nas Olimpíadas de Sidnei, 2000, fizeram com que fosse demitido pela CBF. Seu auxiliar, Candinho, ficou com o cargo até a contratação de um novo técnico, o arrogante Emerson Leão, que não era do agrado de ninguém. Depois de péssimos resultados, também foi demitido. Luiz Felipe Scolari<sup>5</sup> foi o último, chegou tarde, mas chegou com a esperança dos brasileiros. O seu jeito de gaúcho brigão gerava simpatia para com o povo. Com alguns resultados pífiros (como a derrota para Honduras) e a descrença em relação aos jogadores, fez com que todo o grupo se unisse fortemente, tendo o técnico se tornado o ‘paizão’ da ‘Família Scolari’, como a própria Folha definiu:

---

<sup>5</sup> A Folha de S. Paulo se refere ao técnico como Luis Felipe Scolari ou somente scolarari

“Para o eixo de trabalho de campo na sua comissão técnica, escolheu profissionais com os quais conviveu. Essa opção e a prioridade por atletas com espírito de cooperação motivaram a conotação ‘família’ do grupo formado” (29/05/2002, p. 10); “(...) ganhou a confiança como comandante único – eliminou também quem poderia fazer oposição dentro do grupo, como Romário, Antônio Carlos ou Djalminha. Preferiu jogadores com os quais trabalhou em clubes, como Marcos, Emerson, Roque Júnior e Júnior” (12/06/2002, p. 6).

Esse termo foi título de capa no dia 29 de maio, onde trazia o perfil de todos os jogadores e da comissão técnica, também pertencentes da ‘Família’. O cabeçalho de todas as páginas também continha esse termo. Ao mesmo tempo, o jornal também chamava Scolari de ‘sargento’, e que a concentração da Seleção era um ‘quartel general’. Porém, a ‘Família Scolari’ é mencionada pela última vez no dia 31 de maio (dia do jogo de abertura), com uma citação no dia 05 de junho, outra no dia 06 de junho e depois somente no dia 29 de junho, ficando quase toda a Copa sem utilizar esse termo e coincidentemente, a partir dessa data. O jornal cita várias vezes os privilégios que a Rede Globo possuía na Copa, como as entrevistas exclusivas com jogadores e Scolari. Lembrando que a ‘Família Scolari’ foi extremamente difundida pela TV Globo, que o Sistema Globo é proprietário de um dos concorrentes da Folha de S. Paulo, o jornal O Globo. Somente após a conquista do Mundial é que a ‘Família’ reaparece, com uma grande ênfase em um título de capa: “A volta da Família Scolari” (03/07/02, p. 1), falando sobre as possibilidades de Scolari continuar no comando, como era da vontade da população brasileira.

Como já foi comentado, Scolari foi tratado como o sargento e como o paizão. A Folha lembra que o técnico não possuía, ou pelo menos não demonstrava, essa sua segunda face: “De temperamento explosivo nos clubes que treinou, Scolari soube se conter na seleção” (29/05/2002, p. 10).

O Jornal demonstra que realmente a seleção está mais acessível: “Paradoxos do futebol. Com Luiz Felipe Scolari, o seu treinador mais linha dura dos últimos anos, a seleção brasileira tem, em Ulsan, na Coréia do Sul, a concentração mais permissiva da história recente das Copas do Mundo” (28/05/2002, p. 4).

O seu ‘jeitão’ foi muito bem explorado pelo jornal:



“Famoso por sua ‘pão-durice’, Scolari também tem conversado pouco com o Brasil. ‘Quase não tenho falado com Olga [sua mulher]. É muito caro’, afirmou.” (01/06/2002, p. 7); “ Ontem, um inusitado bate-papo entre o sargento Luiz Felipe Scolari, aparentemente desarmado e bem-humorado, e dezenas de jornalistas que se acotovelaram para participar da conversa. (...) Tal como Forrest Gump, personagem de Tom Hanks em filme homônimo, desandou a contar histórias. O mesmo Scolari que, nos tempos de Palmeiras, agrediu com socos um repórter. Adotando uma versão ‘light’, falou sobre tudo” (01/06/2002, p. 8).

Isso demonstra que Scolari foi um ‘prato cheio’ para o jornal, onde praticamente se tornou um personagem, de duas faces, porém divertido.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, podemos considerar que as manchetes e notícias do jornal Folha de S. Paulo, trazem para os leitores uma visão otimista e fragmentada da Seleção. Apesar da grande quantidade de jogadores com a letra ‘erre’ na inicial do nome, a Folha criou uma expectativa muito grande em cima de três somente: Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho. Roberto Carlos, parece não fazer a cabeça da mídia, pois desde os tempo da dupla ‘Rô-Rô’ (Romário e Ronaldo) ele não fez parte desse rol de ídolos. Por falar nisso, a idolatria foi bem explorada, sendo Rivaldo e Ronaldo os principais, mostrando sempre as suas dificuldades (contusões e Copa da França) e as suas glórias (quebra de recordes e destaque no Mundial). Principalmente Ronaldo, que depois da crise nervosa ocorrida em 1998, tornou-se o grande ‘herói’ do penta.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMARAL, L.** *Técnica de Jornal e Periódico*. Fortaleza: UFC, 1982.
- BAHIA, J.** *Jornal, História e Técnica. As Técnicas do Jornalismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- BETTI, M.** *TV a Cabo: Maximização do Esporte Telespetáculo*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, set. 1999, vol. 21, nº 1.
- BOURDIEU, P.** *Sobre a Televisão*. MACHADO, M. L. (trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CARRANO, P. C. R.** *Ronaldinho: Ídolo Esportivo ou Mercadoria Global?* In: CARRANO, P. C. R. (org.). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HELAL, R.** *Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói*. In: HELAL, R.; SOARES, A. J. & LOVISOLO, H. *A Invenção do País Futebol. Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.



**HELAL, R.** *Mídia e Idolatria: O Caso Ronaldinho*. In: Anais da XV Reunião Anual da Associação de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2002.

**PIRES, G. de L.** *Educação Física e o Discurso Midiático. Abordagem Crítico-Emancipatório*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

**VIEIRA, J. J.** *Paixão Nacional e Mito Social: Participação do Negro no Futebol, Profissionalização e Ascensão Social*. (Tese de Doutorado IUPERJ), Rio de Janeiro: 2001.

José Jairo Vieira

Prof. Dr do Dept. de educação Física. Doutor em Sociologia pela IUPERJ-Rio de Janeiro

Rua José Ubaldo Paiva, 39/202, Ramos, CEP 36570-000, Viçosa – MG

E-mail: [jjvieira@ufv.br](mailto:jjvieira@ufv.br)

Ronaldo Martins de Assis

Graduando em Educação Física pela Universidade Federal de Viçosa.

Apresentação de trabalhos no Simpósio de Iniciação científica da UFV, Simpósio Mineiro de Educação Física, seminário de Lazer. Próximos: Congresso da Sociedade Brasileira de sociologia e Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

Rua Queluz, nº 280, Eldorado, CEP 36046-280, Juiz de Fora – MG.

Telefones: (32) 3225-7493 – Juiz de Fora

(31) 3892-5228 – Viçosa

E-mail: [rmdeassis@bol.com.br](mailto:rmdeassis@bol.com.br)

Apresentação: Comunicação Oral – Núcleo de Pesquisa Mídia esportiva

Coordenadora Profa. Dr Vera Regina Toledo Camargo

Tecnologia de Apresentação: Datashow